

# Sobre Valor e Preço

Luís Fernando Franco

Impõe-se eliminar algumas inconsistências teóricas e conceituais constantes da crítica da economia política encetada por Karl Marx em “O Capital”, a saber, cabe: a) refutar a existência da força de trabalho como mercadoria; b) refutar a existência da mais-valia absoluta; c) estabelecer a diferença entre dinheiro-mercadoria ou dinheiro-metal, como expressão de valor, e dinheiro-papel-moeda, como expressão de preço.

Com efeito, a teoria do valor-trabalho pressupõe que as mercadorias são vendidas pelos seus próprios produtores, isto é, que os possuidores de mercadorias somente vendem produtos do próprio trabalho.

Disso resulta que a força de trabalho não é uma mercadoria, pois não é fruto do trabalho de seu vendedor, o trabalhador assalariado, mas uma “dívida da natureza”, a qual, portanto, não exhibe valor.

O trabalhador assalariado, que não possui os meios de produção, vende efetivamente o produto de seu trabalho como valores-de-uso, como determinada quantidade de certa mercadoria, de sorte que não existe mais-valia absoluta. Mas recebe do dono dos meios de produção o equivalente ao preço, e não ao valor, desses valores-de-uso, a saber, o seu salário exhibe sempre a forma de dinheiro-papel-moeda, e nunca dinheiro-metal-mercadoria.

Isto porque o dinheiro-metal ou dinheiro-mercadoria exhibe o valor, enquanto o dinheiro-papel-moeda exhibe o preço. O primeiro ostenta uma equivalência material, corpórea, imediata com o produto do trabalho vendido, enquanto o segundo exhibe equivalência somente abstrata, mediata, incorpórea com o produto do trabalho vendido.

Emprega-se a locução “preço” para designar: a) o tempo de trabalho necessário para produzir certa mercadoria em determinado capital individual, tempo este que, por meio de inovação tecnológica, restou

abaixo do tempo de trabalho socialmente necessário para produzi-la, vale dizer, ficou menor que o valor da mercadoria vigente em dada época; b) o montante pelo qual é efetivamente vendida, pelo capitalista, a mercadoria assim produzida por inovação tecnológica, que resta a meio termo entre esse novo tempo de trabalho necessário e o valor socialmente vigente. Com relação à letra “a”, cuida-se do salário, e “b”, trata-se do preço da mercadoria assim produzida.

Para clareza, tomemos um exemplo: digamos que, normalmente, um trabalhador assalariado produzia 8 unidades de mercadoria y em 8 horas de trabalho. O valor unitário pgresso da mercadoria y, anteriormente ao incremento da produtividade do trabalho, portanto, era de 1 hora de trabalho.

Com o aumento de produtividade do trabalho, esse mesmo assalariado passa a produzir 16 unidades de mercadorias y em 8 horas de trabalho, e o novo valor unitário, a saber, o preço de y, vigente apenas para esse capital individual, passa a ser de 0,5 (meia) hora de trabalho, sendo certo que seu valor (pregresso) permanece constante. O trabalhador assalariado recebe conforme esse novo e restrito valor unitário de y, ou seja, oito horas de trabalho pelas atuais 16 unidades de mercadoria y, isto é, meia hora por cada unidade de y, mas o capitalista vende a mercadoria y por 0,75 hora e não 0,5 hora a unidade, em um total de 12 horas de trabalho pelas 16 unidades de y. Por dezesseis peças de mercadoria y, o trabalhador recebe oito horas e o capitalista recebe 12 horas.

Nesse exemplo, pois, o trabalhador recebe um preço (salário) que não corresponde ao valor vigente (pregresso) das 16 unidades de y, enquanto que o capitalista vende as 16 unidades de y por um preço que tampouco corresponde ao novo valor (vigente somente para este capital individual) da mercadoria y. O preço é recebido tanto pelo assalariado como pelo capitalista em dinheiro-papel-moeda, o que decorre dessa dupla falta de correspondência com os valores vigente e novo da unidade da mercadoria y.

A força de trabalho não pode figurar como mercadoria, pois não é fruto do trabalho de seu suposto vendedor, o trabalhador assalariado, nem de qualquer outro trabalhador, mas é uma força natural, produzida pela natureza humana e, portanto não exhibe valor.

Destarte, o trabalhador assalariado vende de fato ao capitalista, detentor dos meios de produção, vende valores-de-uso, mercadorias por ele produzidas, de tal sorte que a mais-valia absoluta revela-se um equívoco: todo o lucro do capitalista advém da mais-valia relativa, a saber, do aumento da produtividade do trabalho que é ensejada pelo próprio capitalista, responsável pela organização do trabalho.

Como o aumento da produtividade do trabalho é fruto do capitalista, do detentor dos meios de produção, o trabalhador assalariado não recebe aumento salarial proporcional a tal aumento da produtividade de seu trabalho, enfim, ele continua a receber o salário equivalente à produtividade pregressa a tal incremento de produtividade (ou de força produtiva, como quiser). Daí a existência de assimetria entre o salário e o valor da mercadoria produzida pelo trabalhador assalariado.

Mas o capitalista individual, empreendedor e inovador, tampouco vende as mercadorias, produzidas após o incremento da produtividade em sua planta fabril, pelo novo valor unitário assim obtido. Ele as vende por um preço que fica entre tal novo valor da mercadoria, vigente somente em sua planta individual, e o valor socialmente vigente (média social) da mercadoria. Daí também a existência de assimetria entre o valor e o preço da mercadoria.

O lucro do capitalista individual resulta, portanto de duas fontes, a saber: a) vendendo a mercadoria por um preço inferior ao seu valor socialmente vigente, ele tende a dominar o mercado de tal valor-de-uso, escoando toda a sua produção; b) pagando ao trabalhador assalariado um salário inferior ao valor, socialmente vigente, por ele produzido em valores-de-uso, o capitalista compensa o preço reduzido conforme item “a”.

O capitalista paga salário conforme o novo valor da mercadoria, vigente somente em sua planta individual posteriormente ao aumento da produtividade, mas a vende por um preço inferior ao valor socialmente vigente, mas maior que o salário.

### **O Setor Terciário como Contratendência à queda da Taxa de Lucro**

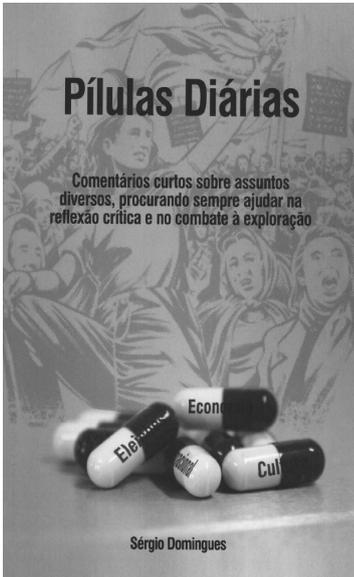
O setor terciário da economia, os serviços, relacionados à circulação de capital, têm uma importância cada vez maior, sendo certo que as grandes fortunas de hoje concentram-se em tal setor: Carlos Slim (telecomunicações), Bill Gates (informática ou tecnologia da informação), Warren Buffet (finanças), mais remotamente, Onassis (transportes). Parece que as grandes inovações ou revoluções tecnológicas acontecem em tal setor ligado à circulação de capital (ferrovias, automóveis, informática), e não mais no processo fabril em decorrência da queda tendencial da taxa de lucro decorrente do aumento da composição orgânica de capital.

O Estado tem grande participação no setor terciário, notadamente transportes e telecomunicações (infra-estrutura e logística), que parecem desempenhar papel estratégico no crescimento econômico. Estaria havendo transferência de lucros, por intermédio do Estado (Fisco), do

setor fabril para o setor de serviços, isto é, do processo de produção de capital para o processo de circulação de capital, em razão da queda da taxa de lucro no primeiro setor, vale dizer, na fábrica.

O país mais forte no setor terciário, os EUA, que domina a revolução da informática e das finanças mundiais, ostenta pés de barro, pois não produz a maior parte da massa de mais-valia, apenas apropria-se da mais-valia produzida no país mais industrializado, a China, a qual, por sua vez, necessita do setor terciário (parcialmente improdutivo) norte-americano para incrementar a velocidade da circulação e rotação do capital industrial.

A economia norte-americana ainda é composta em quase 80% pelo setor de serviços, e grande parte na área de finanças. Hoje, a mais-valia é produzida na periferia industrializada, como a China e, portanto a importância da revolução socialista deslocou-se do centro para a periferia industrializada do sistema. Uma revolução realmente comunista na China derrubaria todo o sistema capitalista mundial.



# Pílulas Diárias

Sérgio Domingues

**“No Pílulas diárias, o blog extraordinário do meu amigo e companheiro Sérgio Domingues, explora as ilusões da economia, política, sociedade e cultura capitalista. Em curtas e contundentes reflexões, ele desmascara a minoria de 1% com seus privilégios, sua exploração, opressão e hipocrisia. A injustiça que a maioria tem que pagar pela crise financeira, a destruição do meio ambiente, as decepções previstas do Obama e da Dilma, os assaltos pela polícia e exército nos morros do Rio de Janeiro, a falta de direito ao aborto no Brasil, a violência contra gays.**

**Sérgio diagnostica o que está errado em nossa sociedade.**

**Seguindo o conselho de Marx de que precisamos não só entender o mundo, mas também mudá-lo.**

**Aproveitem: Pílulas Diárias não tem contraindicações”.**

**Sean Purdy (Professor de história da USP e militante socialista).**

<http://pilulas-diarias.blogspot.com.br/>